

trabalho foi pioneiro na investigação sobre os caminhos possíveis do controle social informal e do papel da comunidade na compreensão do crime e da criminalidade. Em Kornhauser encontramos as primeiras reflexões sobre a instabilidade comunitária, fragilidade dos mecanismos de controle social informal e comportamento desviante¹⁹², uma das primeiras manifestações a expandir as relações entre indivíduo, comunidade e crime. Deve-se a ela a consolidação das tipologias criminológicas (etiquetamento, desorganização social, controle, *stress*, desvio cultural) e as distintas perspectivas até hoje bastante significativas na sociologia do crime (ordem social, motivação, determinismo, níveis explanatórios, situação social, estrutura social, cultura), além do domínio das implicações das teorias do controle, especialmente a partir da causa do crime em Hirschi¹⁹³.

A teoria da desorganização social introduziu novas concepções sobre as variações no estilo de vida (*lifestyle*) e formas de adaptação da personalidade na comunidade. Enquanto as teorias da tensão estavam limitadas à compreensão das emoções negativas e intensidade do auto-controle, a desorganização social passou a ocupar-se da fragilidade dos vínculos entre a formação da personalidade e as estruturas culturais e sociais verificadas no âmbito da comunidade. Valendo-se do certo acúmulo teórico do pensamento criminológico até então, a teoria da desorganização social atuou na elaboração de preditivos das tensões e deficiências no auto-controle que levam a maior ou menor probabilidade do comportamento desviante na comunidade¹⁹⁴.

3.6.1. A ESCOLA DE CHICAGO

A assim chamada Escola de Chicago dedicou-se à compreensão dos processos de reorganização, desorganização e organização nos quais se produzem o crime e a criminalidade. O pensamento criminológico passou a dialogar com outras fronteiras do conhecimento. O diálogo com a geografia

192. KORNHAUSER, Ruth. *Social sources of delinquency*. Chicago: Chicago Press, 1978.

193. Acentuando a influência de Parsons em Kornhauser, e em divergência às críticas dela a Sutherland (o qual não seria um teórico do desvio cultural), MATSUEDA, Ross. "Social Structure, Culture, and Crime: Assessing Kornhauser's Challenge to Criminology". CULLEN, Francis et al (org) *Challenging Criminological Theory: The Legacy of Ruth Kornhauser: Advances in Criminological Theory*. New York: Routledge, 2017, P. 117 e ss.

194. "(...) a careful reading of the control and strain models shows they are in fact oriented towards explaining different facets of delinquency. The present research does in fact show that the control model is more closely associated with self-reported crime and the strain model yields stronger relationships with more subcultural deviance. What this suggests is that theory testing which seeks to evaluate two or more models, and to then combine them in some analytic fashion, may not be the best way to build or assess theory especially when the results of correspondence suggest that comparable dependent variables must be chosen for each model". KNOX, George W. "Social disorganization models of deviance". In: JENSEN, Gary. *Sociology of delinquency*. London: sage, 1981, p. 78 e 89.

social, sociologia urbana e criminologia ambiental foram decisivos para a determinação dos estudos sobre o “lugar” ou a “ecologia” do crime. Os criminólogos passaram a empenhar esforços significativos para analisar a dinâmica dos vínculos com o local, pontos vulneráveis de dissolução e reconstituição da vida na cidade. Surgem aqui os primeiros esforços para a criação de um modelo explanatório que identificasse como os laços interpessoais estão mais ou menos articulados com o controle social informal¹⁹⁵.

O surgimento da Escola de Chicago coincide com o movimento de maior integração da pesquisa acadêmica e os problemas sociais, reorientando a produção de conhecimento científico para a transformação social, no que ficou conhecido como a “Era Progressista da inovação na organização e na pesquisa da Universidade norte-americana”, protagonizada por Jane Addams e William Rainey Harper. No famoso discurso de William Rainey Harper, *The Trend in Higher Education*, 1905, o primeiro diretor da Escola de Chicago funda as bases do que seria a “universidade urbana” (*urban University*)¹⁹⁶. Apesar de reconhecer o papel essencial do conhecimento especulativo na consolidação democrática dos EUA, a era progressista foi por marcada pela necessidade de solução de problemas sociais básicos: a Universidade deve se voltar a produzir bem-estar social (*social welfare*), “reduzir a miséria entre os pobres, o analfabetismo nas escolas, a intolerância nos cultos, sofrimento nos hospitais, menos fraude nos negócios e insensatez na política”, tal qual Daniel Coit Gilman na aula inaugural do primeiro moderno centro de excelência em pesquisa dos EUA, a Johns Hopkins¹⁹⁷. Quando Harper concebeu a universidade urbana como instituição estratégica para a melhoria da comunidade, escolas e sociedade, a orientação progressista consistia em consolidar a democracia a partir da gestão científica da sociedade democrática¹⁹⁸.

As referências teóricas mais genéricas remontam às análises do interacionismo simbólico no âmbito da própria sociologia da urbe desenvolvidas

195. BUNGE, Mario. “A systemic perspective on crime”. WIKSTRÖM, Per-Olof; SAMPSON, Robert (org). *The explanation of crime: context, mechanisms and development*. Cambridge: Cambridge, 2006, p. 11.
196. “A University which will adapt itself to urban influence, which will undertake to serve as an expression or urban civilization, and which is compelled to meet the demands of an urban environment, will in the end become something essentially different from a university located in a village or small city”. BENSON, Lee et al (org) *Knowledge for social change: Bacon, Dewey, and the revolutionary transformation of research Universities in the Twenty-First Century*. Philadelphia: Temple, 2017, p. 32.
197. BENSON, Lee et al (org) *Knowledge for social change... cit.*, p. 34.
198. BENSON, Lee et al (org) *Knowledge for social change... cit.*, p. 44. Alguns estudos fascinantes analisam fontes históricas do surgimento da “Era Progressista” e fundação da Escola de Chicago, RUCKER, Darnell. *The Chicago pragmatists*. Minneapolis: Minnesota Press, 1969, p. 9 e ss.; BULMER, Martin. *The Chicago School of Sociology: institutionalization, diversity, and the rise of the sociological research and America*. Chicago: Chicago Press, 1984, p. 45 e ss.; THOMAS, William et al. *The Polish peasant in Europe and America*. Chicago: Chicago Press, 1918, p. 2 e ss.

por Herbert Blumer¹⁹⁹, revelando vínculos intensos entre as interações sociais na urbe e a construção social do crime e da criminalidade. Coube, porém, a Clifford Shaw e Henry McKay aplicar os estudos sobre a delinquência juvenil na cidade, demonstrando como havia uma distribuição dos infratores em áreas delimitadas e marcadas pela “deterioração física, pobreza e desorganização social”²⁰⁰.

A maior especialização se deu no âmbito da pesquisa sobre a vizinhança (*neighborhood*)²⁰¹, valendo-se originalmente das técnicas de pesquisa de campo etnográfica e elaboração de mapeamentos estratégicos (*spots maps*) na cidade de Chicago, com a finalidade de sustentar a formulação de políticas públicas de prevenção. Os estudos sobre a vizinhança e o controle social informal foram incrementados a partir de suas relações com as instituições, especialmente a família, a escola, a igreja, evidenciando novas perspectivas para as próprias tramas de solidariedade e reconhecimento nas interações sociais²⁰². Em pesquisas recentes, já desvinculadas do modelo original proposto em Chicago, os estudos da urbe identificam intersecções raciais e de gênero bastante reveladoras sobre os custos morais e sociais do crime e da criminalidade, com especial atenção à “concentração espacial dos efeitos do *mass incarceration*”²⁰³.

Assim como a personalidade, comportamento desviante, vizinhança e instituições, a ideia de comunidade tampouco é conceito estanque²⁰⁴,

199. BLUMER, Herbert. *Symbolic interactionism: perspective and method*. Berkeley: California Press, 1969, p. 78 e ss.
200. SHAW, Clifford; MCKAY, Henry (org) *The juvenile delinquency and urban areas*. Chicago: Chicago Press, p. x e ss.; posteriormente, REISS, Albert; TONRY, Michael (org) *Crime and Justice – Communities and Crime*, v. 8. Chicago: Chicago Press, 1986, 430 p.
201. “The ecological underpinning of neighborhood has a venerable history. Robert Park and Ernest Burgess laid the foundation for urban sociology by defining local communities as ‘natural areas’ that developed as a result of competition between business for land use and between population groups for affordable housing. A neighborhood, according to this view, is a sub-section of a larger community – a collection of both people and institutions occupying a spatially defined area influenced by ecological, cultural, and sometimes political forces. Suttles later refined this view by recognizing that local communities do not form their identities only as the result of free-market competition. Instead, some communities have their identity and boundaries imposed on them by outsiders, such as the state. Suttles also argued that the local community is best thought of not as a single entity, but rather as a hierarchy of progressively more inclusive residential grouping. In this sense, we can think of neighborhoods as ecological units nested within successively larger communities, SAMPSON, Robert. “How does community matter”. WIKSTRÖM, Per-Olof; SAMPSON, Robert (org). *The explanation of crime: context, mechanisms and development*. Cambridge: Cambridge, 2006, p. 33.
202. Para uma síntese teórica, SAMPSON, Robert J. *Great American City: Chicago and the enduring neighborhood effect*. Chicago: Chicago Press, 2012, p. 71 e ss.
203. ROBERTS, Dorothy. “The social and moral cost of mass incarceration in African American communities”. *Stanford Law Review*, 56/2004, p. 1275.
204. Sampson apoia-se na construção de Charles Tilly (TILLY, Charles. “Do communities act?” *Sociological inquiry*, 43, pp. 209-240), para definir a vizinhança em função do território, problematizando a extensão da “solidariedade”. AMPSON, Robert. “How does community context matter? Social mechanisms and the explanation of crime rates”. WIKSTRÖM, Per-Olof; SAMPSON, Robert (org). *The explanation*

pode variar desde a comunidade local até a comunidade internacional, passando pelas noções de “comunidade corporativa” ou pela “comunidade corporativa transnacional”, que expõem o enorme impacto global que pode alcançar as práticas corporativas. Não apenas o ambiente em que se produz o crime, mas também as estratégias de controle e regulação do comportamento não deveriam ser entendidas como imutáveis ou estáveis. Do contrário, o pensamento criminológico deve acompanhar os níveis de diferenciação em torno dos quais se constroem as interações individuais e suas mediações institucionais. Para além do controle da criminalidade na urbe, a imaginação criminológica pode alcançar estratégias bastante promissoras de comportamento prossocial e colaborativo, em que se verificam indicadores concretos de partilha dos benefícios e valores da atividade corporativa com a comunidade, gerando tramas de solidariedade e coesão social. A seguir esta linha dos efeitos do contexto no desenvolvimento da personalidade e do comportamento desviante, as corporações exercem aí um papel fundamental, recomendando estudos aprofundados sobre etnografia organizacional e os impactos das corporações na comunidade e na percepção do crime e da criminalidade.

3.6.2. ROBERT SAMPSON E A TEORIA DO CURSO DA VIDA

Os desenvolvimentos recentes da desorganização social e dos estudos sobre o contexto como fator na compreensão da criminalidade tem em Robert Sampson e David Weisburd seus principais expoentes. Sampson se destaca com sua obra seminal *Great American City*, na qual sintetiza os efeitos da vizinhança no crime e na criminalidade²⁰⁵. Seus estudos sobre as estruturas da comunidade e o crime puderam fundar uma “teoria da desorganização social no nível comunitário”²⁰⁶. A partir do diagnóstico do “lamento da decadência comunitária”, Sampson resgata os mecanismos sociais que apresentam

of crime: context, mechanisms and development. Cambridge: Cambridge, 2006, p. 33; em detalhes, SUTTLES, Gerald. *The social construction of communities*. Chicago: Chicago Press, 1972, 278 p.

205. SAMPSON, Robert J. *The Great American City... cit.*, p. 31 e ss.

206. “(...) social disorganization refers to the inability of a community structure to realize the common values of its residents and maintain effective social controls. Empirically, the structural dimensions of community social disorganization can be measured in terms of prevalence and interdependence of social networks in a community – both informal (e.g., friendship ties) and formal (e.g., organizational participation) – and in the span of collective supervision that the community directs toward local problems. This approach is grounded in what Kasarda and Janowitz term the *systemic model*, in which the local community is viewed as a complex system of friendship and kinship networks and formal and informal associational ties rooted in family life and ongoing socialization processes”, SAMPSON, Robert J.; GROVES, W. Byron. “Community structure and crime: testing social-disorganization theory”. *American Journal of Sociology*, 94/1989, p. 777 e ss.; veja-se também SAMPSON, Robert. “Crimes in cities: the effects of formal and informal social control”. REISS, Albert; TONRY, Michael (org). *Communities and crime*. Chicago: Chicago Press, 1986, p. 271-311.